



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Faculdades de Ciências Sociais Aplicadas – FASA

Monografia de Conclusão de Curso de Comunicação Social

Habilitação em Jornalismo

VANESSA GALASSI MOURA

RA: 2026478/4

JORNALISMO SINDICAL

A MOBILIZAÇÃO DA CATEGORIA POR MEIO DO JORNAL IMPRESSO

Brasília

2006

VANESSA GALASSI MOURA

JORNALISMO SINDICAL

A MOBILIZAÇÃO DA CATEGORIA POR MEIO DO JORNAL IMPRESSO

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Euclides de Souza

BRASÍLIA

2006

VANESSA GALASSI MOURA

JORNALISMO SINDICAL

A MOBILIZAÇÃO DA CATEGORIA POR MEIO DO JORNAL IMPRESSO

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Euclides de Souza

Brasília, de junho de 2006

Banca Examinadora

Prof. Sérgio Euclides de Souza, Dr.
orientador

Prof. Marcone Gonçalves dos Santos, Esp.
examinador

Leonor Soares Costa, Jornalista
examinadora

Dedico este trabalho a todos os profissionais de jornalismo que têm como objetivo lutar por uma comunicação limpa de interesses pessoais e feita para o povo, mesmo que manchada de vermelho.

AGRADECIMENTO

Agradeço à força oculta e inexplicável que guia os homens, seja esta chamada ou não de Deus, à minha mãe por me dar o tom da emoção e ao meu pai pelo traço da razão; à minha eterna companheira e irmã Carolina; aos meus sobrinhos Gustavo, Guilherme e Giovana; à minha avó Wanda; ao tio Dega; ao cunhado; às minhas amigas Juliana, Eveline, Samyra e Luciana; e à parte mais importante da minha vida: Thiago.

Também faço um agradecimento especial ao professor Sérgio Euclides, pela cumplicidade nas horas difíceis.

Eu te chamo liberdade

*Pelos dentes apertados
pela raiva contida
pelo nó na garganta
pelas bocas que não cantam
pelo beijo clandestino
pelo verso censurado
pelo jovem exilado
pelos nomes proibidos
eu te chamo, liberdade.*

*Pelas terras invadidas
pelos povos conquistados
pela gente submetida
pelos homens explorados
pelos mortos na fogueira
pelo justo injustiçado
pelo herói assassinado
pelos fogos apagados
eu te chamo, liberdade.*

(Paul Elvard / Gian Franco Pagliaro)

RESUMO

O objetivo geral dessa pesquisa foi analisar o jornal impresso editado nos sindicatos e direcionado aos trabalhadores como meio de comunicação mais eficaz capaz de promover a mobilização da categoria e contribuir para a garantia de direitos e conquistas de reivindicações da classe trabalhadora. Ainda objetiva-se que os jornalistas sindicais possam utilizar essa pesquisa como um instrumento de orientação para a construção dos jornais sindicais impressos. Para isso, utilizou-se o estudo de caso etnográfico de tipo qualitativo realizada com rodoviários sindicalizados do Distrito Federal, visto que as observações e entrevistas tiveram início com visita ao Sindicato dos Rodoviários do Distrito Federal, localizado no Setor de Diversões Sul, em Brasília – DF. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o jornal impresso do sindicato, *Linha Direta*, e entrevista exploratória e analítica. As categorias selecionadas a partir das questões formuladas no instrumento de coleta de dados foram: o conteúdo das matérias veiculadas no jornal do sindicato dos rodoviários do DF, a estrutura textual aplicada nas matérias do jornal analisado, o *layout* do jornal sindical, e a capacidade de mobilizar a categoria por meio do jornal impresso do Sindicato dos Rodoviários do DF. Após a análise do jornal e a realização de entrevistas, concluiu-se que, baseado na fundamentação teórica utilizada para a elaboração da pesquisa, o jornal impresso é o meio de comunicação mais eficaz para motivar os trabalhadores a se mobilizarem para garantir direitos e conquistar benefícios; porém, o objeto de análise (jornal impresso do Sindicato dos Rodoviários do Distrito Federal) não atinge tal objetivo por utilizar linguagem inapropriada para o público alvo, além de abordar assuntos que não são de interesse da categoria e apresentar *layout* que não chama a atenção dos trabalhadores para leitura das matérias publicadas.

Palavras-chave:

Jornalismo sindical. Mobilização. Categoria.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 O QUE É JORNALISMO SINDICAL.....	14
2 BREVE HISTÓRIA DO JORNALISMO SINDICAL NO BRASIL.....	16
2.1 Jornalismo operário ou jornalismo sindical.....	23
3 A LINGUAGEM DA IMPRENSA SINDICAL E A DISPUTA PELA HEGEMONIA.....	26
3.1 O sindicalês.....	28
3.2 A disputa pela hegemonia.....	29
4 O JORNAL IMPRESSO DO SINDICATO DOS RODOVIÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL.....	32
4.1 A linha editorial.....	32
4.2 A estrutura textual.....	35
4.3 O <i>layout</i>	38
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS.....	40
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo sindical é uma vertente do jornalismo que vem ganhando espaço no mercado de trabalho. No início, as organizações de trabalhadores não tinham um profissional de jornalismo responsável pela composição do jornal impresso, os próprios trabalhadores que formavam diferentes organizações trabalhistas apuravam, escreviam, editavam e publicavam as matérias.

Somente na segunda fase do governo de Getúlio Vargas entra em ação nos sindicatos, pouco a pouco, o profissional em jornalismo. Atualmente, praticamente todos os sindicatos têm um jornalista profissional responsável pela área de comunicação da entidade.

Entretanto, essa inovação trouxe alguns pontos importantes que necessitam de discussão. Sabe-se que poucas universidades e escolas técnicas que são habilitadas na área de jornalismo têm incluído no plano de ensino disciplina que aborde jornalismo sindical. Com isso, o estudante se torna um profissional pronto para o mercado de trabalho da mídia comum, conhecida como grande mídia. Sem preparo para o que Vito Giannotti qualifica como jornalismo especializado, vários jornalistas elaboram um jornal sindical impresso que não sabe se comunicar, de fato, com a categoria com a qual trabalha.

Com a modernização dos meios de comunicação, os sindicatos vêm adotando veículos de comunicação como carro de som, internet, rádio, tv, entre outros. Porém, é com o velho e bom jornal impresso que os jornalistas sindicais têm em mãos a ferramenta mais eficaz para conscientizar a categoria e motivá-la a realizar atos, manifestações e movimentos pautados pela garantia de direitos e conquista de benefícios. Para Lênin, sem o jornal/boletim impresso, não haveria sindicato.

Escolheu-se, portanto, o tema jornalismo sindical – a mobilização da categoria por meio do jornal impresso para colaborar com a orientação dos futuros e atuais jornalistas sindicais na elaboração do jornal impresso sindical que saiba se comunicar com a categoria.

Este trabalho tem como objetivo geral abordar a melhor forma de estruturação textual, escolha de assunto para publicação de matérias e *layout* que devem ser aplicadas no jornal impresso de categorias constituídas por trabalhadores de baixa renda e escolaridade; no caso específico desta pesquisa de conclusão de curso, a categoria representada pelo Sindicato dos Trabalhadores em Transportes Terrestres do Distrito Federal (Sitttrater-DF), mais conhecido como Sindicato dos Rodoviários do Distrito Federal. Esses itens devem resultar na motivação da mobilização da categoria para a garantia de direitos e conquista de benefícios para a classe trabalhadora.

A pesquisa sobre a mobilização da categoria por meio do jornal impresso é um trabalho que poderá ser adotado posteriormente por educadores e outros profissionais que trabalhem com assuntos relacionados à comunicação sindical. Por meio dessa pesquisa, serão analisados tópicos que visam o aprimoramento da qualidade das matérias publicadas no jornal sindical, e a aprovação deste veículo de comunicação pela categoria a qual é destinado.

Foi abordado o problema da mobilização da categoria por meio do jornal impresso devido à constatação da falta de bibliografia disponibilizada para pesquisa e embasamento teórico que possa contribuir para o aprimoramento da composição das matérias publicadas nos jornais sindicais e, principalmente, o gradativo distanciamento da relação comunicação sindical – categoria.

Abordarei também formas de estruturação de texto, *layout*, entre outros elementos que fazem parte da composição de um jornal sindical, que desmotiva a categoria a se mobilizar por uma reivindicação. Ressalte-se que esse projeto ainda contemplará o fato de que, atualmente, a linha editorial e a estruturação textual do jornal sindical não são totalmente delimitadas pelo jornalista, mas sofrem grande influência do partidarismo e da ideologia defendida pelos dirigentes sindicais, o que, por diversas vezes, também contribui para a desmotivação da categoria para lutar por uma reivindicação.

Fez-se um estudo de métodos e técnicas de estruturação textual e visual que podem colaborar para maior motivação da categoria para realizar mobilizações e atos pela conquista de benefícios reivindicados pela classe trabalhadora. Para tal,

analisou-se os jornais impressos do Sindicato dos Rodoviários do Distrito Federal, intitulado como *Linha Direta*, veiculados durante o ano de 2005, dando mais ênfase à edição nº 717 de maio de 2005 (Ano 20), que convocou a categoria para a realização de atos, mobilizações e greve para pressionar as empresas de transportes rodoviários a concederem reajuste salarial de 14%.

Esta pesquisa se concentrou nos seguintes questionamentos:

- De que forma os jornalistas sindicais precisam trabalhar para editar um jornal impresso que motive a categoria a realizar atos, mobilizações e movimentos paretistas pela conquista de reivindicações?
- Os jornais editados atualmente nos sindicatos, especificamente no Sittrater – DF, cumprem o objetivo de motivar a categoria a realizar mobilizações pela conquista de benefícios para a classe trabalhadora?

Sendo assim, elaborou-se essa delimitação com a finalidade de responder a esses questionamentos, bem como buscar soluções para os problemas apresentados.

Para isso, delimitou-se da seguinte forma os objetivos específicos desta pesquisa:

- Analisar o jornal impresso do Sindicato dos Rodoviários, *Linha Direta*, publicado durante o ano de 2005, dando ênfase à edição Ano 20, nº 717 de maio de 2005, de forma a destacar pontos que motivam ou não a categoria a se mobilizar pela conquista de reivindicações.
- Apresentar a sindicalizados a matéria do jornal *Linha Direta* “Categoria decide entrar em greve a partir do dia 6 de junho” (Ano 20, nº 717 de maio de 2005), que convoca a categoria a realizar mobilização e greve pelo reajuste salarial de 14%, com o objetivo de constatar o entendimento das matérias e a conseqüente mobilização da categoria.

- Propor estratégias de melhoria na elaboração das matérias do jornal impresso do Sindicato dos Rodoviários do Distrito Federal.

Neste trabalho foi realizado, além de análise de conteúdo, pesquisa qualitativa. Segundo Chizzotti (1991), a pesquisa qualitativa pode ser apresentada em forma de entrevista com perguntas abertas, como esta que se desenvolveu neste projeto. É importante observar que este tipo de pesquisa é muito útil como ferramenta para coletar informações sobre um determinado assunto. É o instrumento que busca significados para o comportamento humano, pois muitas vezes, este tem mais significados do que os fatos pelos quais ele se manifesta. A pesquisa qualitativa se preocupa com o aprofundamento da compreensão de grupos sociais e suas organizações.

No primeiro capítulo desta pesquisa, será feita uma explanação do que é jornalismo sindical, com breve relato histórico sobre o jornalismo sindical no Brasil. O objetivo desse capítulo é situar o leitor e dar-lhe material para contextualizar o passado do jornalismo sindical face a realidade presente dessa vertente do jornalismo.

Já no segundo capítulo, o leitor poderá apreciar os métodos e técnicas para uma comunicação sindical eficaz. Devido à pouca bibliografia relacionada ao assunto, grande parte do trabalho trará como base as obras de Vito Giannotti, ex-metalúrgico-ferramenteiro, ex-dirigente da Central única dos Trabalhadores de São Paulo (CUT/SP) e autor de vários livros sobre o movimento operário.

No último capítulo, será explanada análise profunda dos jornais impressos do Sindicato dos Rodoviários, *Linha Direta*, publicados em maio de 2005. O objetivo é constatar se a estrutura textual, destacando-se neste ponto o uso de palavras rebuscadas para uma classe trabalhadora de baixa escolaridade, como é a dos rodoviários; abreviações e siglas sem estarem precedidas de explicação clara; o *layout* utilizado no jornal; além de verificar se as matérias publicadas são de interesse da categoria; pontos estes que são destacados por Giannotti para a elaboração de um jornal sindical impresso que saiba, de fato, se comunicar com a

categoria e motivá-la a se mobilizar para a conquista de um benefício. Ainda no último capítulo, utilizarei a entrevista feita com rodoviários sindicalizados do Distrito Federal, critério escolhido para comprovar o referencial teórico utilizado e a conclusão feita para este trabalho de conclusão de curso. Destaca-se ainda que, nas entrevistas realizadas com os rodoviários, dei ênfase ao jornal *Linha Direta* de nº 717 de maio de 2005 (Ano 20). Nesta parte da pesquisa, acompanhei os rodoviários na leitura da matéria “Categoria decide entrar em greve dia 6 de junho” questionando-os, posteriormente, sobre a compreensão ou não da matéria fazendo-os especificar o que foi ou não entendido.

Com o intuito de confirmar o que disse Lênin, em *Que Fazer?*, pretendo com este trabalho fortalecer a frase do líder russo: “um sindicato sem jornal, não é sindicato”.

1 O QUE É JORNALISMO SINDICAL

Pode-se afirmar que jornalismo sindical é uma vertente do jornalismo que tem por objetivo levar à uma categoria de trabalhadores informações que interessem a essa classe e, ao mesmo tempo, motive-a a se mobilizar pela conquista de reivindicações da classe trabalhadora. No início das organizações de trabalhadores, o veículo de comunicação usado para alcançar esse objetivo era o jornal/boletim. Hoje, pode-se dizer que os jornais/boletins não são mais os únicos veículos de comunicação desenvolvidos em um sindicato. Com o avanço tecnológico, a *internet*, o rádio, a tv, a revista, entre outros veículos de comunicação, são utilizados para se comunicar com uma categoria de trabalhadores. Entretanto, ainda é no “velho e bom” jornal impresso que a maioria dos sindicatos se apóia para poder desenvolver a comunicação entre a entidade sindical e o trabalhador. O primeiro fator que faz valer essa afirmativa é a acessibilidade econômica, quando comparado o jornal sindical impresso a outros meios de comunicação; e depois porque é neste veículo de comunicação que as matérias que interessam a uma classe trabalhadora pode, pelo menos por enquanto, ser mais detalhada, informando e formando melhor os trabalhadores.

Algumas pessoas podem questionar que, hoje em dia, é muito mais econômico lançar um *site* a publicar um jornal impresso. Mas, certamente, essa pessoa não terá em mente que a linguagem utilizada em jornalismo sindical é direcionada a um público-alvo definido, delimitado. Nas palavras de Vito Giannotti uma linguagem especializada (2004, p. 30). Pode até ser que lançar um *site* para a categoria do Judiciário Federal e Ministério Público da União (MPU) no Distrito Federal, por exemplo, como é o caso do Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal e Ministério Público da União no Distrito Federal (Sindjus/DF), dê certo. Porém, quando se trata de uma classe trabalhadora que, sequer, tem 1º Grau de escolaridade completo, a verdade já é outra. É fato que a maioria absoluta dos trabalhadores do Judiciário Federal e MPU têm acesso à *internet*, seja no serviço ou em casa. Entretanto, tratando-se de uma categoria de trabalhadores

rodoviários do Distrito Federal, por exemplo, o resultado já não é o mesmo. Pode-se constatar essa verdade pela simples pergunta: Quantos por cento da categoria dos rodoviários do Distrito Federal têm acesso à *internet*? Ainda não há pesquisa sobre este assunto, mas é fato dizer que alguma a pesquisa traria porcentagem iniciada por zero vírgula.

Aí é que está a questão: cada sindicato desenvolve um trabalho de comunicação com conteúdo direcionado à classe trabalhadora a ela sindicalizada; mas para isso é preciso conhecer, a fundo, o perfil da categoria de trabalhadores com a qual se trabalha para que haja, de fato, comunicação entre sindicato e classe trabalhadora.

Como já dito anteriormente, os principais eixos de atuação do jornalismo sindical são: a motivação da mobilização dos trabalhadores para as reivindicações da categoria e a informação verídica de assuntos que interessem à essa classe trabalhadora.

De acordo com Vladimir Ilitch Lenin:

O sindicato não tem caráter político para derrubar o capitalismo, mas caráter reivindicatório, com objetivo de aumentar o valor pago pela força de trabalho e garantir melhores condições trabalhistas. (LENIN, 1988, p. 47)

Hoje em dia é possível dizer que grande parte das conquistas de uma classe trabalhadora por meio de uma entidade sindical se deve ao bom trabalho desenvolvido pelo jornalista sindical deste sindicato. Com isso, pode-se dizer que a passagem de Lênin, acima citada, pode ser assim descrita: o sindicato apoiado pela imprensa sindical nele desenvolvida tem caráter reivindicatório, com objetivo de aumentar o valor pago pela força de trabalho e garantir melhores condições trabalhistas.

2 BREVE HISTÓRIA DO JORNALISMO SINDICAL NO BRASIL

O jornalismo sindical surge como um meio de expressão das idéias e posições defendidas pelos operários. Em boletins, filipetas, jornais ou panfletos, as palavras impressas eram as de denúncia do operariado, idéias que não tinham espaço na imprensa comum, conhecida como “grande mídia” ou mídia burguesa.

Maria Nazareth Ferreira (1988), no livro *A Imprensa Operária no Brasil*², acha conveniente dividir a história da imprensa operária no Brasil em três etapas: a anarcossindicalista, a sindical-partidária e a sindical.

A imprensa anarcossindicalista chegou ao Brasil no final do século XIX, cresceu a partir do início do século XX, ganhando impulso com a fundação da Confederação Operária Brasileira (COB), em 1908.

Dá-se destaque na primeira etapa, anarcossindicalista, aos primeiros imigrantes vindos da Europa, principalmente da Itália, em 1906 – 1920, entre os quais se encontravam refugiados políticos perseguidos nos países de origem devido às idéias progressistas. Esses imigrantes foram os maiores responsáveis pelo despertar da consciência política dos trabalhadores brasileiros.

Na imprensa anarcossindicalista, os trabalhadores gráficos tiveram grande relevância, sem omitir a influência exercida pelos intelectuais, que deram impulso decisivo à divulgação das idéias socialistas. Porém, os primeiros jornais anarquistas, não eram, de fato, jornais operários, mas jornais políticos. Neles “se discutiam idéias novas, criavam e desenvolviam o hábito de leitura entre as massas e abriam caminho para o aparecimento de uma verdadeira imprensa sindical”³. Contudo, segundo Álvaro Mendes:

“Não foram, porém, anarquistas as primeiras formas de associações trabalhadoras no Brasil. Os escravos já tinham associações - irmandades, juntas de alforria, alianças com camponeses livres, sem terra -, e os trabalhadores urbanos livres, até cerca de 1888, constituíam sociedades de socorros mútuos e caixa beneficentes – a chamada fase

² FERREIRA, Maria Nazaré. **Imprensa Operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988.

³ MENDES, Álvaro. **Breve história da imprensa sindical no Brasil**. Cadernos da Comunicação. Série estudos – 14. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2005, p. 15.

mutualista. Mas seus resultados eram bem pobres, pois quase tudo isto decorria de um pensamento caritativo, de cunho religioso. Também a burguesia e a Igreja católica exerciam ação filantrópica, paternalista e assistencialista. Foi com tudo isso que romperam os anarquistas e os anarcossindicalistas". (MENDES, 2005 p. 17).

De acordo com Maria Nazareth Ferreira, para disseminar a idéia anarquista, devido ao grande número de imigrantes no Brasil, era comum a publicação dos jornais em várias línguas, principalmente espanhol, português e italiano. Alguns jornais editados originalmente em português foram traduzidos, a pedido dos imigrantes, para outras línguas. Como exemplo, pode-se citar o jornal *O Socialista*, fundado em 1886, em São Paulo, e traduzido para italiano, espanhol e alemão. Também vale ressaltar que esses jornais não tinham periodicidade, devido a dificuldades financeiras e à repressão que o Estado exercia sobre as oficinas onde eram impressos os jornais. Outro ponto importante é que, nessa época, não existia a figura do jornalista profissional.

"Ao invés de o jornal procurar a notícia, essa é que procurava o jornal, numa autêntica forma de comunicação participativa, verdadeira integração entre o emissor e o receptor, entre o jornal e o leitor. As salas de redação recebiam farto material sobre o movimento operário e notícias afins, transformando todo o proletariado em repórter de seu jornal". (FERREIRA, 1988 p. 22)

Ricardo Luiz Coltro Antunes (1980) conta, no livro *O que é sindicalismo*⁴, que a linha ideológica do movimento anarcossindicalista restringiu consideravelmente as reivindicações, principalmente as de cunho econômico. Devido ao fato de serem contrários às leis do Estado, os integrantes do movimento negavam a luta política e não exigiam do Estado uma legislação trabalhista. Insatisfeitos com a atuação do movimento anarcossindicalista, um grupo de militantes desse movimento se desvinculou e fundou, em 1922, o Partido Comunista Brasileiro (PCB). "(...) Isso marcou o início de uma nova fase do nosso movimento operário, agora organizado politicamente em um Partido (...)”⁵.

⁴ ANTUNES, Ricardo Luiz Coltro. **O que é sindicalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

⁵ *Ibid.*, p.55

A influência dos jornais anarquistas no Brasil foi maior, cronologicamente, do que a de qualquer outro grupo político. Os anarquistas fundaram os primeiros núcleos de comunicação, dos quais nasceram as ligas operárias. De acordo com Ferreira, “o principal instrumento de organização e politização utilizado pelos militantes anarquistas foi o jornal”⁶.

A segunda etapa da história da imprensa operária no País, sindical-partidária, é convencionalmente fixada com início em 1922, com a fundação do Partido Comunista Brasileiro, seguindo até o golpe de Estado, em 1964. Alguns estudiosos subdividem esse período em três fases: a primeira vai de 1922 até o início do governo de Getúlio Vargas; a segunda vai até 1945 (todo o período getulista); e a terceira fase vai de 1946 até 1964.

Essa etapa da imprensa operária brasileira se passa em um contexto histórico de mudanças econômicas profundas. Até os anos 1920, o Brasil era um país de economia primária. A partir de 1925, os produtos brasileiros, como borracha e café, caíram de preço no mercado internacional, que mergulhou numa crise profunda com a quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929. Na classe operária, apesar da realização de greves e mobilizações, não era possível fazer valer as vitórias devido a instabilidade política e econômica do sistema.

Com as dificuldades, o Estado passou a valorizar os produtos nacionais, numa fase econômica conhecida como substituição de importações, e dar apoio ao crescimento industrial. Com isso, a partir de 1930, foi retomado o crescimento econômico e o número de trabalhadores urbano-industriais, que não passava da casa dos mil, foi para casa dos milhões.

O Partido Comunista Brasileiro (PCB) permaneceu, por muito tempo, na situação de ilegalidade. Nesse mesmo período, a repercussão da vitória dos bolcheviques, na Rússia, motivou a divisão entre as lideranças operárias brasileiras. No intuito de unificar a classe trabalhadora, o PCB, junto a grupos esquerdistas, convocou, em 1929, um congresso operário. Na oportunidade, foi fundada a Confederação Geral do Trabalho do Brasil, que existiu até 1935, sempre na semiclandestinidade. A partir da criação do PCB, os jornais operários

⁶ FERREIRA, Maria Nazaré. **Imprensa Operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988, p. 5.

estiveram ligados a partidos políticos. “Essa mudança é da maior importância, visto que a imprensa anarcossindicalista se auto-intitulava apartidária e apolítica, enquanto essa nova imprensa é, antes de tudo, política e umbilicalmente ligada ao partido”⁷, afirma Maria Nazareth Ferreira.

Após a fundação do PCB, os comunistas seguiram à risca as palavras de Lenin, quando este afirmou que, sem um jornal periódico, a atividade revolucionária seria pouco mais que um simples palavreado.

“Enquanto a imprensa anarquista era, em certo sentido, mais imaginativa e criativa, já que obedecia a numerosas linhas dentro da visão anarquista libertária por natureza, a comunista é, também por natureza, muito mais disciplinada, organizadora e sóbria”. (MENDES, 2005 p. 30)

Álvaro Mendes assim sintetiza os periódicos veiculados na imprensa do PCB:

“O PCB, até 1925, dispunha de poucos órgãos de comunicação. Inicialmente, de 1923 a 1924, publicava uma página diária em *O Paiz* que em breve não circularia mais. Em 1925 (1º de Maio) lançou, com tiragem de 5 mil exemplares, o jornal *Classe Operária*. De janeiro de 1926 a agosto de 1927, circulou no Rio, com orientação comunista, o jornal *A Nação* (...). Em 1928, foi lançada no Rio de Janeiro a revista *Autocrítica* (com apenas oito números), para debater problemas do partido. Comunistas de outras orientações (...) lançaram *Luta de Classe*”. (MENDES, 2005 p. 35)

Com a ascensão de Getúlio Vargas em 1930, o proletariado brasileiro estava prestes a conhecer um novo Estado. Vargas e as classes dominantes brasileiras estavam conscientes de que era necessário controlar os trabalhadores. “Para manter a ordem e a estabilidade, a nova burguesia urbano-industrial precisava (...) de métodos mais modernos. O governo Vargas logo criou o Ministério do Trabalho”⁸.

Pouco tempo depois de ter criado o Ministério do Trabalho, Vargas editou na Lei de Sindicalização o Decreto 19.700, com o objetivo de controlar a classe

⁷ FERREIRA, Maria Nazaré. **Imprensa Operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988, p. 20.

⁸ MENDES, Álvaro. **Breve história da imprensa sindical no Brasil**. Cadernos da Comunicação. Série estudos – 14. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2005, p.31.

trabalhadora e tentar inseri-la no Estado. Com o Decreto, o sindicalismo livre foi reprimido e os sindicatos só poderiam ser reconhecidos mediante uma série de condições. De acordo com Ricardo Antunes (1980), o movimento grevista nessa época foi intenso, e como consequência os trabalhadores conquistaram reivindicações então feitas há mais de 50 anos, como jornada de trabalho de oito horas diárias, descanso semanal remunerado, salário mínimo, férias, pagamento de horas extra. Essas leis foram unificadas no dia 1º de maio de 1943 com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). (colocar referência)

Mesmo sendo considerados ilegais, os sindicatos que não se adequaram ao Decreto 19.700 fortaleceram a luta, o que, conseqüentemente, fez crescer a mobilização da classe trabalhadora. Em 1935, foi fundada a Aliança Nacional Libertadora (ANL), frente popular antiimperialista dirigida pelo PCB.

Prevendo o avanço da luta popular, o governo Vargas decretou, em 4 de abril de 1935, a Lei de Segurança Nacional, que proibia o direito de greve e dissolvia a Confederação Sindical Unitária, central sindical de todo o movimento operário no Brasil, tida como clandestina por se constituir à margem dos sindicatos oficiais. Pouco tempo depois, também foi considerada ilegal a ANL. Reprimidos e sem poder mais atuar legalmente, os aliancistas partiram para a mobilização armada. Sem recursos necessários, esses militantes foram violentamente combatidos. “Naquele momento assistiu-se à grande derrota do movimento sindical no Brasil”⁹. A partir de então, foi intensificado o campo sindical das associações chamadas de “amarelas”, ou seja, que não se valiam de própria ideologia e se subordinavam as condições impostas pelo Estado.

A idéia da nova lei sindical não foi bem aceita pela maioria dos trabalhadores. Dos 1.494 sindicatos existentes no fim de 1934, apenas 364 eram legalizados. Os outros foram perseguidos e tidos como ilegais. Nesse período estava quase extinta a imprensa sindical. A imprensa do PCB foi perseguida e teve que passar à ilegalidade durante a ditadura do período do governo de Vargas e o golpe de 64.

⁹ ANTUNES, Ricardo Luiz Coltro. **O que é sindicalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 62.

Com o fracasso do golpe de novembro de 1935, é realizada uma das maiores e mais violentas repressões aos comunistas. O governo intervém nos sindicatos, fecha todos os jornais operários, prende toda a aliança dos trabalhadores e decreta, dois anos depois, o Estado Novo.

Com o fim do Estado Novo, em 1945, volta a redemocratização nas eleições, voltam os partidos políticos, mas permanece a estrutura de legalização dos sindicatos. Poucos sindicatos até então independentes aderiram a nova estrutura de legalização. Em 1943, o PCB iniciou, clandestinamente, o trabalho do Movimento Unificado dos Trabalhadores (MUT). A imprensa partidária, com a orientação do Partido Comunista, intensificou-se.

Porém, em 1947, no governo Dutra, o PCB volta a ser considerado ilegal, e mesmo com toda a imprensa fechada e perseguida, os militantes não paravam de editar jornais que divulgavam planos de ação e defendiam as alianças partidárias. Dutra ainda congela o salário mínimo, corta relações entre o Brasil e a URSS, põe as organizações fabris na semiclandestinidade e aumenta a repressão contra as greves.

Vargas volta ao governo, por voto popular, em 1950, e destaca no cenário nacional, por um lado, a duplicação do salário mínimo e o fortalecimento dos sindicatos, e por outro, o reforço anticomunista, deixando o PCB na ilegalidade, e a repressão ao movimento grevista.

Na década de 50, são fundados vários partidos políticos conservadores e de classe média. Nessa época cresce o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), criado por Vargas no fim da ditadura com o objetivo de esvaziar os partidos proletários, pois com a volta de Vargas e o crescimento do populismo, era certo que o PTB englobaria a bandeira de luta do proletariado.

Em 1954, Vargas suicida-se, deixando no quadro político “dependência do imperialismo, dificuldades políticas da classe dominante e, em consequência, radicalização das classes operárias”¹⁰.

¹⁰ MENDES, Álvaro. **Breve história da imprensa sindical no Brasil**. Cadernos da Comunicação. Série estudos – 14. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2005, p. 39.

Para Maria Nazareth Ferreira, a mobilização do PTB levou a uma radicalização conservadora, o que acarretou o suicídio de Vargas. Neste mesmo período, crises no PCB levam à criação de novos partidos, como o Partido Comunista do Brasil (PC do B). Esse é um período que teve grande participação social e cultural, manifestações de autonomia nacional e desenvolvimento do proletariado.

Durante a década de 1960, o cenário é de grande agitação democrática com o contraste da união entre militares e civis conservadores que lutaram contra a força progressista e a luta dos trabalhadores. Com isso, o golpe de 64 interrompe o processo de democratização que se desenvolvia no país.

Com toda essa conturbação política, a imprensa operária atinge uma fase de grande produção. Ferreira defende que, nesse período, o conteúdo dos jornais, independente do partido político que o dirigia, não fugiam da problemática da classe trabalhadora. A etapa sindical-partidária continua tendo como jornalista o operário e o intelectual da classe trabalhadora.

A terceira e última etapa da imprensa operária no Brasil, a sindical, surge a partir da reorganização do proletariado brasileiro, depois do total desnorteamento sofrido pela sociedade civil no pós-64. Formada em um processo de repressão, a nova geração de trabalhadores vai investir principalmente no sindicalismo.

No período da ditadura, o PCB apresentou-se como o partido mais dinâmico e de maior penetração na massa trabalhadora. Nesse período, o movimento estudantil também se radicalizava, principalmente no Rio de Janeiro, São Paulo e outras grandes cidades. À medida que se fortalecia a posição de direita do governo, iniciava-se uma política esquerdista.

Para completar o quadro opressor do governo em 64, foi ainda implantado o Ato Institucional nº 5 (AI-5), um diploma arbitrário que tornava inoperante todo o aparelho jurídico e constitucional.

Em 1968, tem início uma das maiores repressões internas da história do Brasil. Treinados por técnicos norte-americanos, os militares brasileiros montaram esquema de tortura e execução de pessoas suspeitas de estarem contra o sistema. E é nesse contexto, que, de 1971 a 1975, a maioria das organizações

clandestinas, junto com seus líderes, foram dizimadas. Até mesmo quem era contra a luta armada, como o PCB, foi massacrado.

Com a falta de liberdade e lideranças para se organizar, a classe trabalhadora consciente de si mesma, praticamente “desaparece” na primeira década da ditadura militar. Nos anos seguintes a 64, surge uma liderança conivente com as idéias do governo; “os sindicatos transformam-se em instrumentos passivos, desmobilizadores e assistencialistas”¹¹. Segue o mesmo caminho a imprensa operária, que reflete seu posicionamento no conteúdo publicado: o jornal passa a deixar espaços para artigos sobre assistencialismo, lazer e notícias diversas, que muitas vezes eram tiradas de jornais da mídia comum.

Somente a partir de 1974 se inicia o processo de rearticulação da oposição à ditadura, feita, gradativamente, por grupos que propunham a derrota do sistema por meio de instrumentos legais, como a participação no processo eleitoral. A partir de 76, no governo Geisel, a sociedade civil e organizações se fortalecem. Em 1980, com a decretação do pluripartidarismo, vários grupos de tendência trotskista e sindicalista participam da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT). A diferença do PT para outros partidos, como PCB e PC do B, é que aquele concebeu uma ampla conceituação de trabalhador, considerando que todas as categorias desprovidas dos meios de produção eram formadas por trabalhadores.

A terceira fase da imprensa operária é caracterizada por uma imprensa “porta-voz do sindicato, mantendo uma razoável distância dos partidos políticos operários”¹². Ela se diferencia das demais etapas da imprensa operária porque não é mais feita por operários em tipografias ou gráficas cedidas, e porque entra em ação o profissional de jornalismo. Outro aspecto que se pode ressaltar, é que o conteúdo jornalístico aborda o ponto de vista da diretoria do sindicato, e não

¹¹ FERREIRA, Maria Nazaré. **Imprensa Operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988, p. 49.

¹² FERREIRA, Maria Nazaré. **Imprensa Operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988, p. 54.

mais da categoria que o sindicato representa. O fator econômico, nessa fase, também é sobreposto ao fator político nas matérias dos jornais de sindicatos.

“A partir da década de 80, muda radicalmente a feição da imprensa operária; a organização dos operários em federações e confederações por categoria e por grandes regiões e o fortalecimento econômico dos sindicatos permitem a racionalização da sua imprensa, que passa a ser elaborada por sindicatos fortes e distribuída regionalmente. Em alguns casos, além da imprensa regional apresenta-se jornais locais diários e por grupos de interesse (...)” (FERREIRA, 1988 p. 56-57)

2.1 Jornalismo operário ou jornalismo sindical?

É tênue o conflito de concepções quando se trata da discussão sobre a definição de imprensa sindical e imprensa operária. Por vezes igualado, o conceito desses dois tipos de comunicação têm, na visão de diversos estudiosos sobre o tema, várias nuances. Para a professora Maria Nazareth Ferreira (1988), a imprensa operária é toda aquela que aborda assuntos de interesse dessa classe e trata de assuntos que têm como temática base os problemas desse grupo, seja ou não escrita por operários. Já a imprensa sindical só surge após o movimento militar de 1964, e é aquela feita apenas por sindicatos, seja ela escrita por profissionais de jornalismo ou por membros da própria categoria.

Já o sindicalista e escritor Vito Giannotti tem outro ponto de vista. Giannotti sustenta que imprensa sindical é toda aquela feita por sindicatos, ligas e outros grupos que têm como temática assuntos de interesse dos operários. A prova disso é que Vito lançou *O que é jornalismo sindical* e *O que é jornalismo operário*, livros da coleção Primeiros Passos, da Brasiliense, de edições diferentes, mas como o mesmo conteúdo. O ponto de vista do sindicalista tem como base a existência das uniões e ligas dos anarquistas, que continuaram a existir após fundação do PCB, em março de 1922.

Álvaro Mendes, por sua vez, argumenta:

“Para alguns estudiosos, a imprensa de orientação anarquista seria então uma imprensa sindical de pleno direito, e não apenas uma imprensa operária. A recusa a considerar sindical essa imprensa

anarcossindicalista seria de natureza ideológica, talvez decorrente das lutas ferozes entre marxistas e anarquistas”. (MENDES, 2005 p. 10)

Lenin, em *Que fazer?*, relata que a ferramenta mais forte na luta dos operários russos eram as “folhas volantes” (tipo de boletim impresso) que denunciavam, entre outras questões ligadas aos operários, principalmente o regime das fábricas em que trabalhavam. O líder russo diz que as “folhas volantes” não ficaram restritas ao meio das fábricas, mas circulavam por todas as empresas em que havia rumores dos fatos denunciados.

Lênin ainda confirma a importância desse meio de comunicação impresso adotado pelos operários russos, definindo-o como uma “declaração de guerra”, pois o conteúdo instigava a reclamação dos abusos sofridos e colaborava para a mobilização e reivindicação da categoria por meio das greves.

Porém, para Lênin, as “folhas volantes” não faziam o papel de dirigir a luta da classe operária como um todo, de representar a classe operária em suas relações não apenas com um determinado grupo de empregadores, mas com todas as classes da sociedade. Essa era a atuação da social-democracia.

“(…) Esquecia-se que, no fundo, essa atividade não era ainda em si mesma social-democrata, mas apenas sindical. As denúncias referiam-se, no fundo, somente às relações dos operários de uma determinada profissão com seus patrões, e não tiveram outro resultado senão o de ensinar àqueles que vendiam sua força de trabalho, a vender esta “mercadoria” de forma mais vantajosa, e a lutar contra o comprador no terreno de uma transação puramente comercial”. (LÊNIN, 1988 p. 45)

Baseando-se na fundamentação de Lênin, pode-se concluir que o objetivo da imprensa sindical e da imprensa operária são diferentes, não se podendo, portanto, igualar os conceitos e a abrangência desses dois tipos de imprensa. A imprensa operária dialoga com toda a classe trabalhadora; já a sindical atém-se a um grupo específico de trabalhadores agremiados por categoria e região geográfica de atuação. Por isso, tem-se o Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal e Ministério Público da União no Distrito Federal, o Sindicato dos Rodoviários do Rio de Janeiro, e assim por diante.

Não se pode dizer, no entanto, que a imprensa desenvolvida no sindicato trata unicamente de assuntos relativos ao interesse daquela categoria específica.

Geralmente os sindicatos também pautam assuntos de relevância nacional e mundial, como a atuação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), a atuação de grupos organizados contra o Banco Internacional de Desenvolvimento (BID), assuntos, geralmente, ligados à ideologia de esquerda.

3

4

5

6

3 A LINGUAGEM DA IMPRENSA SINDICAL E A DISPUTA PELA HEGEMONIA

Os veículos de comunicação utilizados no campo sindical são bem variados. Como já citado neste trabalho de conclusão de curso, diferentemente do início do movimento operário, hoje a comunicação sindical conta com o auxílio não só de jornais e boletins, mas de rádios, carros de som, *internet*, entre outros meios de comunicação. Porém, alguns estudiosos no campo do sindicalismo, como a jornalista especializada em comunicação sindical Cláudia Santiago e o sindicalista e escritor Vito Giannotti, defendem que, na área da escrita, “o instrumento-rei é o jornal¹”.

Porém, é preciso conhecer muito bem o público com o qual se trabalha. Um carro de som, por exemplo, pode não atingir da mesma forma a categoria dos advogados e a categoria dos rodoviários. O jornalista sindical é um dos responsáveis (ou o mais responsável) pela avaliação de quais os meios de comunicação mais indicados para mobilizar a categoria com a qual trabalha sem prejudicar a garantia dos direitos e a conquista de benefícios da classe trabalhadora específica.

Como já citado na introdução do trabalho, o foco central desta pesquisa será o jornal sindical impresso, devido ao fato de que este é, na realidade da maioria dos sindicatos, o instrumento quase único para se comunicar com os trabalhadores.

Ao se comparar um jornal sindical com um jornal da mídia comum, nota-se nitidamente a diferença não só no conteúdo, como na estrutura textual. Cheio de adjetivos e com presença constante da primeira pessoa do plural, os textos veiculados nos jornais sindicais fogem, praticamente em todos os quesitos, da lista de princípios básicos para um bom texto jornalístico adotado pela mídia comum.

¹ GIANNOTTI, Vito; SANTIAGO, Cláudia. **Comunicação Sindical – a arte de falar para milhões**. Rio de Janeiro; Vozes, 1997, p. 120.

Porém, não vem ao caso discutir aqui qual a melhor maneira de se compor uma boa matéria jornalística. O ponto principal deste estudo é saber qual a melhor maneira dos sindicatos se comunicarem com a classe trabalhadora que representam.

Quando se fala em jornalismo sindical, se fala em jornalismo para um grupo definido. Grupos que têm sua história, sua cultura. Para Vito Giannotti (2004), “o jornalismo sindical tem características específicas por ser dirigido a trabalhadores situados em um lado determinado da produção”².

Não há um manual único para a linguagem jornalística sindical, pois deve-se levar em conta que cada categoria tem um nível de escolaridade diferente. Porém, por mais óbvio que pareça, muitos jornalistas sindicais se “esquecem” desse importante fator e escrevem da mesma forma para um grupo de médicos e um grupo de garis.

Não há como fazer com que certa categoria trabalhadora se interesse por um conteúdo que não compreende. Na verdade, o incompreensível não é o conteúdo, mas a forma na qual se escreve.

“Nesta área (a sindical), é comum encontrar pessoas que escrevem achando que é automático ser compreendido por aqueles que, presumivelmente, deveriam ler o que foi escrito. A preocupação em transmitir conceitos e idéias políticas é tão grande que a preocupação com a linguagem acaba relegada ao segundo plano”. (GIANNOTTI; SANTIAGO; DOMINGUES, p. 2000 p. 165)

Atualmente, praticamente todas as categorias de trabalhadores se unem para garantir direitos e conquistar benefícios. Do torneiro mecânico ao advogado, do professor ao motorista de ônibus. Mas como se comunicar com cada um desses trabalhadores? É importante lembrar que o advogado faz parte da minoria da sociedade brasileira que cursou, no mínimo, o ensino superior; enquanto o torneiro mecânico está entre os 81% dos brasileiros que não terminaram o 2º grau.

² GIANNOTTI, Vito. **Muralhas da Linguagem**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004, p. 21.

Em *Muralhas da linguagem*, Vito Giannotti faz uma alusão ao livro *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre. Giannotti separa essa pequena parcela de brasileiros que têm acesso à educação da grande maioria da sociedade em Casa Grande e Senzala. O objetivo de Vito Giannotti é representar a injustiça social e a grande disparidade de renda no Brasil. Para Giannotti, é impossível se comunicar da mesma forma com esses dois grupos.

“Há uma língua falada e entendida pelos da Casa Grande. Os da Senzala não a entendem. E há outra falada pelos que têm quinhentos anos de Senzala nas costas. São dois mundos incomunicáveis, duas maneiras de vidas, duas reações frente aos vários acontecimentos. Para o nosso caso, duas linguagens”. (GIANNOTTI, 2004, p.16)

O importante para um jornalista sindical é que ele se preocupe com o direito do leitor de compreender a fundo o assunto abordado. Como já falado, os principais eixos de atuação do jornalismo sindical são a mobilização da categoria e a informação verídica de assuntos que interessem à essa classe trabalhadora. Portanto, não há como atingir esse objetivo sem conhecer o público com o qual se trabalha. Está aí o primeiro ponto de destaque que um jornalista sindical tem que conhecer a fundo antes de compor uma matéria.

Outro ponto importante é o *layout* do jornal, boletim, folheto ou outros veículos de comunicação impressos de um sindicato. Vito Giannotti defende que o jornal sindical pode diferenciar-se no conteúdo da revista *Veja*, mas tem que ter a mesma (senão maior) qualidade gráfica.

É preciso destacar que, atualmente, praticamente todos os sindicatos são partidários, na maioria das vezes ligados ao Partido dos Trabalhadores (PT). Com isso, o jornalista não pode veicular matérias que repercutam de forma negativa aquele partido, mesmo que a notícia seja de interesse da categoria sindicalizada. O que acontece com frequência é a “maquiagem” textual, ou seja, quando é imprescindível a veiculação de uma matéria que repercuta de maneira negativa o partido defendido pelo sindicato, o jornalista sindical acaba escrevendo a notícia superficialmente, o que, de certa forma, prejudica a categoria.

3.1 O sindicalês

Dentre os itens que diferenciam o jornalismo sindical do jornalismo da mídia comum, está, com destaque, o sindicalês. Assim como os demais grupos, o sindicato também tem uma língua usada em reuniões, cursos de formação, plenárias, palestras com especialistas e etc: o sindicalês. Palavras e expressões como “conjuntura”, “tirar delegado para a Plenária”, “capas”, entre outras, fazem parte do vocabulário utilizado pelos dirigentes sindicais.

No livro *Manual de linguagem sindical*, Giannotti, Santiago e Domingues defendem que “o sindicalês tem o status de língua, como o juridiquês e o economês³”.

“É impossível para um advogado se comunicar com seus pares, sem usar aqueles termos específicos e expressões clássicas da sua profissão: *agravo regimental* ou *verbas rescisórias*, por exemplo”. (GIANNOTTO, SANTIAGO e DOMINGUES, 2000 p. 21)

Entretanto, o que acontece constantemente é a veiculação de matérias com presença marcante do sindicalês. É preciso lembrar que quando se elabora uma matéria para um jornal sindical, não se fala só para um grupo de dirigentes sindicais ou militantes, se fala com toda uma categoria trabalhadora. Pessoas que assumiram um cargo trabalhista há pouco tempo, pessoas que não são sindicalizadas, mas que fazem diferença tamanha na hora de contribuir para a mobilização da categoria específica e na conquista de um benefício. “Sem traduzir o sindicalês para a língua comum dos mortais comuns, ao invés de comunicar com os trabalhadores, estará sendo passado adiante um tremendo blá-blá-blá”⁴.

³ GIANNOTTI, Vito; SANTIAGO, Cláudia; DOMINGUES, Sérgio. **Manual de Linguagem sindical**. Rio de Janeiro; Edições NPC, 2000, P.23.

⁴ GIANNOTTI, Vito; SANTIAGO, Cláudia. **Comunicação Sindical – a arte de falar para milhões**. Rio de Janeiro; Vozes, 1997, p. 58.

3.2 A disputa pela hegemonia

Além de ter que ser um profundo conhecedor do público com qual trabalha e dominar uma linguagem específica que consiga mobilizar dezenas, centenas e até milhares de trabalhadores, o jornalista sindical ainda tem o desafio de garantir lugar e credibilidade em meio aos grandes jornais e redes de televisão que monopolizam a transmissão de notícias no Brasil. Porém, é comum ouvir queixas no movimento sindical sobre sua própria impotência.

Entretanto, não é bem essa a realidade. De acordo com Giannotti e Santiago (1999), a Central Única dos Trabalhadores (CUT) tem a segunda maior redação do País. À frente dela, só as redações das Organizações Roberto Marinho. Além disso, na estrutura nacional da Central, passando pelas CUT's estaduais e confederações nacionais, chegando aos sindicatos filiados, a CUT tem mais de 600 jornalistas e sete milhões de boletins semanais. "O conjunto de rádio, TV, jornais e revistas da CUT tem a maior concentração de jornalistas do País trabalhando para veicular suas idéias, sua propaganda, suas mensagens"⁵.

Só o sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, por exemplo, publica, diariamente, cerca de 35 mil exemplares do jornal tablóide de quatro páginas. É certo que esse número isolado, perto da tiragem de 316 mil exemplares só do jornal carioca *O Globo*, é muito pequeno. Porém, se somado aos tantos outros mil jornais impressos publicados nos demais sindicatos cutistas, é possível atingir a cota dos sete milhões.

Porém, o ponto principal é como saber elaborar esses sete milhões de exemplares. A elaboração desses veículos têm que ser bem pensada, de forma que comunique toda a política dos sindicatos e da CUT. "Se essa comunicação comunicar, a Central e seus sindicatos têm uma poderosíssima arma na mão"⁶.

Vitto Giannotti e Cláudia Santiago defendem que:

⁵ GIANNOTTI, Vito; SANTIAGO, Cláudia. **Comunicação Sindical – a arte de falar para milhões**. Rio de Janeiro; Vozes, 1997, p. 30.

⁶ GIANNOTTI, Vito; SANTIAGO, Cláudia. *Ibid*, p. 35.

“Primeiramente o conteúdo deve refletir a política traçada. Além disso, a linguagem deve ser inteligível, a forma deve ser chamativa, interessante e não repelente. Se esses materiais chegarem até os trabalhadores na base e não ficarem empilhados nas garagens dos sindicatos, ou mofando no porta-mala dos sindicalistas...Se todos esses se deixarem de existir, então a CUT não pode ser tão coitadinha assim, então a burguesia não poderá dormir tão tranqüila assim”. (GIANNOTI e SANTIAGO, 1997 p. 35)

Os autores ainda complementam que:

“Os sete milhões de boletins/jornais semanais, acompanhados do arsenal de carros de som, cartazes, cartilhas, adesivos, música de cordel, cantos, teatrinhos, capoeiras, outdoors, pichações, internet e *fax-modem* são um armamento poderosíssimo nas mãos de um exército que quer levar uma política, que quer travar um combate e vencer”.(GIANNOTI e SANTIAGO, 1997 p. 35).

4 O JORNAL IMPRESSO DO SINDICATO DOS RODOVIÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL

Intitulado *Linha Direta* e impresso em tamanho tablóide, o jornal do Sindicato dos Trabalhadores em Transportes Terrestres do Distrito Federal (Sitrater-DF), ou Sindicato dos Rodoviários, não tem quantidade certa de páginas para cada edição. Estas variam de acordo com a necessidade de se abordar um assunto em mais ou menos páginas, normalmente somando de quatro a seis páginas. A periodicidade do jornal também não é certa, com publicação feita de acordo com a necessidade de levar um assunto importante ao conhecimento da categoria, podendo ser publicados, por exemplo, três jornais em um mês e um no outro.

Com fotos e letras grandes e tiragem de pouco mais de sete mil exemplares, o jornal impresso *Linha Direta* aborda desde a decisão da entrada em greve da categoria até o falecimento de um trabalhador. De linha editorial petista, o que se deve ao fato de os membros da direção do sindicato serem filiados ao Partido dos Trabalhadores (PT), assuntos ligados ao governo Lula são praticamente omitidos no jornal.

O jornal *Linha Direta* é direcionado a uma classe trabalhadora que tem, no máximo, o 1º Grau escolar completo - com maioria de trabalhadores que concluíram apenas a 4ª série primária - e renda mensal que varia de R\$ 300 a pouco mais de R\$ 800, dependendo do cargo do trabalhador. De acordo com levantamento recente, o total de sindicalizados ao Sindicato dos Rodoviários é de 7.069.

4.1 A linha editorial

Sabe-se que com o governo de Getúlio Vargas, as organizações de trabalhadores se transformaram em sindicatos. Com a edição do Decreto 19.700 na Lei de Sindicalização, que estabelecia critérios para que um sindicato fosse tido

como legal, vários grupos passaram a atuar na clandestinidade e outros se aliaram, de certa forma, ao governo de Getúlio. Também nessa época, os partidos políticos de esquerda passaram a vigorar dentro dos sindicatos. Com isso, passou-se a defender os direitos e realizar conquistas para a categoria sem desvincular-se do partidarismo.

No Sindicato dos Trabalhadores em Transportes Terrestres do Distrito Federal não foi diferente. Percebe-se claramente, sem constar em entrelinhas, que um dos principais eixos de luta do Sindicato é defender o governo liderado pelo ex-líder do PT, Luiz Inácio Lula da Silva. Tal condição se deve ao fato de que a atual direção do sindicato é filiada ao Partido dos Trabalhadores.

Como exemplo dessa afirmação, está abaixo transcrita matéria veiculada no jornal *Linha Direta*, no ano de 2005:

Governo Lula combate a corrupção sem trégua
Polícia Federal tem sido importante arma no combate a corrupção

Nunca se viu tantas notícias de combate à corrupção como nos últimos dois anos. A Polícia Federal tem tido um papel importante nessa luta. O governo reorganizou o comando da PF que ficou mais ágil e eficaz na guerra contra a corrupção. Foi criado também a Controladoria da República, órgão que serve para controlar e fiscalizar a utilização dos recursos federais pelas prefeituras.

As ações do governo contra a corrupção são matérias diárias dos principais jornais do Brasil. A Polícia Federal é a maior aliada do governo nesse combate. Só nos anos de 2003 e 2004 foram mais de 58 operações realizadas pela PF em diferentes áreas: combate ao desvio de dinheiro público, combate a corrupção, repressão ao contrabando, combate ao tráfico nacional e internacional de drogas, crimes de internet, entre outros.

Operações como Cavalo de Tróia, Gafanhoto, Anaconda e Operação Vampiro são exemplos do trabalho bem sucedido realizado pela PF. Nunca foram realizadas tantas prisões em altos escalões como no governo Lula. No total são 1.219 criminosos presos, sendo que 349 são funcionários públicos e 50 policiais federais, que não estão imunes nessa guerra.

Duas operações realizadas recentemente mostram o empenho da Polícia Federal no combate ao crime organizado. A operação conhecida como Terra Nostra, realizada no dia 17 de fevereiro de 2005, contou com a participação de 150 policiais federais. Foi desmontada uma quadrilha que fazia grilagem de terras em áreas sem título de domínio no norte do estado de Tocantins. Os acusados agiam de forma ordenada, falsificando

documentos relativos à posse e propriedade das terras. Foram presas 15 pessoas.

A Operação Guabiru prendeu, no dia 17 de maio, 26 pessoas envolvidas com um esquema de desvio de verbas do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação que deveriam ser usadas na compra de merenda escolar em municípios alagoanos. Entre os presos, 8 eram prefeitos municipais e 4 eram ex-prefeitos. O governo por intermédio da PF está investigando do DF as irregularidades na área de saúde pública. (*Linha Direta*, Ano 20 – nº 717 de maio de 2005)

Além da clara defesa ao governo Lula, é possível constatar que na matéria, transcrita na íntegra, inclusive com os erros gramaticais, o assunto não é de interesse da categoria. Mais que isso, nomes sem significado, como Operação Anaconda, são escritos supondo que a categoria saiba ao que tal nome se refere. Porém, estes são itens que serão trabalhados em tópicos posteriores deste trabalho de conclusão de curso.

Em entrevista realizada com trabalhadores sindicalizados ao Sindicato dos Rodoviários, cedida a autora desta pesquisa, constatou-se que a categoria dos rodoviários avalia que o partidarismo está se sobrepondo a matérias de maior interesse desta classe trabalhadora.

O motorista de ônibus Gean Célio, 29 anos, sindicalizado há dois anos e motorista há oito, diz que as matérias do *Linha Direta* contemplam mais a política que os interesses da categoria. “O jornal vem tratando muito de coisas políticas e os nossos interesses estão sendo deixados de lado. Aí depois eles querem que a gente faça greve pra alguma coisa. Desse jeito não dá! Como é que a gente vai correr o risco de perder o emprego pra lutar por uma coisa que a gente nem sabe?”¹, diz Gean que complementa em tom de ironia: “Agora se fosse por uma coisa do governo Lula quem sabe, né? Porque matéria defendendo ele é o que não falta”².

Para o cobrador de ônibus Sinval Jorge da Silva, de 56 anos, o jornal do Sindicato dá prioridade a matérias de cunho político e não veicula notícias de interesse da categoria. “O jornal do Sindicato tem que largar a política de lado e

¹ CÉLIO, Gean. Entrevista cedida a autora no dia 8 de maio de 2006.

² *Ibidem*

olhar pro lado dos rodoviários. O jornal fala sempre da mesma coisa: é Lula santo e Roriz diabo. Eu não estou querendo saber desses ‘cabra’ não. Eu quero saber é se eu vou continuar trabalhando desse jeito com esse salário que não dá pra nada”³, afirma Sinval. O cobrador de ônibus está na carreira de rodoviário há 16 anos, com o mesmo tempo de filiação ao Sindicato dos Rodoviários do Distrito Federal.

O despachante Gaspar Ferreira, 38 anos, tem 13 anos de carreira (sendo cinco como cobrador e oito como despachante), com o mesmo tempo de sindicalização ao Sindicato dos Rodoviários do Distrito Federal, deixa unânime a avaliação feita pelos entrevistados em relação ao jornal *Linha Direta*. Para Gaspar, “o jornal fala muita coisa que não tem nada há ver com a categoria. Fica só falando mal no governador e não luta pelos trabalhadores. O jogo deles eu sei qual é: é querer que a gente vote no Lula, e aumento que é bom ninguém vê. Se eu quisesse saber do Lula eu lia no Correio (Braziliense), mas eu não quero. Eles estão achando que a gente *somos* otários. Vai chover até canivete quando esse jornal (*Linha Direta*) falar alguma coisa que presta”⁴.

A questão da linha editorial partidarista não acontece apenas com dirigentes sindicais filiados ao PT. Atualmente, praticamente todos os sindicatos têm suas preferências políticas e acabam veiculando matérias favoráveis à sua posição partidária-ideológica.

Pôde-se observar durante as entrevistas, expressões e palavras de indignação dos trabalhadores. Para estes, o jornal tem que ser uma ferramenta na conquista de benefícios. Porém, como visto nos depoimentos, os trabalhadores avaliam que as matérias publicadas no *Linha Direta* dão destaque ao governo Lula deixando as matérias que interessam à categoria em segundo plano.

³ SILVA, Jorge Sinval. *op.cit.*

⁴ FERREIRA, Gaspar. *op.cit.*

4.2 A estrutura textual

Como citado anteriormente, Vito Giannotti (2004) faz uma metáfora entre os moradores da Casa Grande e os moradores da Senzala com o nível de escolaridade da população. Os mais instruídos seriam os moradores da Casa Grande; já os que têm no diploma, sequer, o 1º Grau completo, são os moradores da Senzala.

Pode-se dizer que os membros da categoria dos rodoviários fazem parte da Senzala, onde se situa a maioria esmagadora da população brasileira. Porém, ao analisar os jornais do Sindicato dos Rodoviários do Distrito Federal publicados no ano de 2005, especificamente o do nº 717, não é essa a impressão que se tem. A matéria diz o seguinte:

Categoria decide entrar em greve a partir do dia 6 de junho

Após dois meses de negociações com os empresários não conseguimos chegar a nenhum acordo. As empresas alegam que desde o último acordo, em maio de 2004, estão sofrendo prejuízos. Afirmam que houve um aumento de custos e uma perda de 14% no número de passageiros que migram para o transporte pirata. Segundo o Sub-secretário, Januário Lourenço, atualmente são 8 milhões de passageiros transportados por vans.

Para manter os direitos já conquistados e conceder um aumento de 14% nos salários dos rodoviários, os empresários alegam precisar reajustar o valor das tarifas em 41%. Mas de acordo com o secretário de transporte, Mauro Cateb, não haverá o reajuste das passagens.

O sindicato tentou por várias vezes negociar com os empresários os direitos e o reajuste salarial da categoria, mas infelizmente a única resposta que tivemos foi a retirada de conquistas obtidas no último acordo coletivo.

Os rodoviários não vão abrir mão da cesta básica, dos tíquetes e de um reajuste nos salários, pois esses já estão defasados em 8,5% em comparação ao ano passado, de acordo com o ICV - DIEESE e 6,61% de acordo com o INPC-IBGE.

A categoria decidiu também que a melhor forma de enfrentar os patrões e o governo é com a realização de protestos.

A partir de agora os companheiros devem estar de prontidão, pois a qualquer momento o sindicato estará nos terminais e garagens chamando para a realização de algum ato.

Esperamos que com a realização dos atos possamos chegar a um acordo. Caso isso não ocorra, então realizaremos a greve

geral por tempo indeterminado a partir do dia 06 de junho. Esta data foi escolhida para que a categoria possa receber o pagamento antes da realização da greve. (*Linha Direta*, Ano 20 – nº 717 de maio de 2005).

Foram constatadas várias siglas, como IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), sem significado e explicação; e palavras de uso inapropriado para se comunicar com o público alvo, como “defasado”.

Para Giannotti e Santiago:

De nada adianta escrever as mais maravilhosas teses sobre a revolução brasileira ou sobre a participação nos lucros e resultados, se o texto não é compreendido por quem deveria lê-lo. Oferecer a um trabalhador um texto rebuscado, cheio de expressões e palavras para ele incompreensíveis, é ofendê-lo (...) O resultado da agressão em que se transforma um texto incompreensível afasta o trabalhador do seu sindicato. (SANTIGO e GIANNOTTI, 1997, p. 54-55)

Em entrevista realizada com trabalhadores sindicalizados ao Sindicato dos Rodoviários, percebeu-se grande insatisfação dos entrevistados em relação a matéria nº 717, de maio de 2005, do jornal *Linha Direta*. Nesta parte da entrevista, a entrevistadora acompanhou a leitura e a compreensão de texto dos trabalhadores.

Com a testa franzida e os olhos apertados, como se a abertura dos olhos influenciasse na compreensão do texto, os entrevistados apresentaram a mesma avaliação: as siglas sem significado e explicação, como ICV – DIEESE, tornavam o texto de difícil compreensão, com conseqüente afastamento dos trabalhadores da luta pela conquista de benefícios.

O cobrador de ônibus Gean, um dos entrevistados, revela que a dificuldade no entendimento das matérias impede que a categoria se mobilize para a conquista de alguma reivindicação. “O jornal não está mobilizando a categoria de jeito nenhum, principalmente pela dificuldade que a categoria tem de entender as matérias. Muitos colegas meus já disseram que não entenderam nada. A gente lê por ler, olha as fotos pra gente ver um colega e ficar sorrindo e pronto. Tem muitos colegas que duvidam do que está escrito por não entender o que foi escrito. Eles

vão falar: de onde o cara achou esse nome, por exemplo”, diz Gean, e complementa: “a linguagem do jornal é difícil. Eu acho que se falar no popular fica muito mais fácil”⁵.

O despachante Gaspar Ferreira fala que a linguagem utilizada nas matérias do Sindicato dos Rodoviários do Distrito Federal é muito complexa e, portanto, não se comunica com a categoria. “Se eu pudesse dar um conselho para o jornalista do Sindicato eu ia pedir pra ele escrever em português porque, pra mim, isso aqui tá tudo em inglês. Ninguém entende nada desse tal de ‘IC não sei o que’... Como é mesmo? Parece até que *ta* xingando a gente. Acaba que ninguém pára, porque ninguém entende nada. Eu mesmo não faço mobilização, porque a gente nem sabe porque *ta* parado”⁶, conclui o despachante.

4.3 O *layout*

Em livro *Muralhas da Linguagem*, Vito Giannotti (2004) sustenta que o conteúdo pode (e deve) não ser o mesmo que o da revista *Veja*, porém a qualidade gráfica do jornal tem que ser igual. Ele destaca que, além do assunto e interesse da categoria e a utilização da linguagem correta para cada tipo de público, o terceiro grande fator a influenciar na motivação da categoria a realizar mobilizações é o *layout* que o jornal impresso apresenta.

Sabe-se que a diagramação de um jornal não é função do profissional de jornalismo. Porém, isso não quer dizer que o jornalista sindical não deva opinar na composição do *layout* do jornal impresso. Até mesmo porque o jornalista é, pelo menos na teoria, quem mais conhece o perfil da categoria representada pelo sindicato, sabendo, assim, das preferências desta classe trabalhadora.

Na análise do *Linha Direta* foi percebido diagramação confusa. Em apenas uma página de jornal nº 717, são apresentados: uma matéria que convida a categoria para a greve; uma tabela referente a esta matéria, mas que está do lado oposto desta; uma foto que ocupa quase toda a capa do jornal; matéria

⁵ CÉLIO, *op. cit.*

⁶ FERREIRA, *op. cit.*

relacionada ao governo Lula; matéria relacionada ao trabalho escravo; matéria sobre conquista dos trabalhadores da empresa Transporte Serrana; nota sobre assassinato em transporte pirata; nota sobre falecimento; além de convocação para assembléia da categoria. Tudo isso sem delimitação de espaço para as matérias, o que proporciona confusão na leitura.

Alexandre de Araújo Soares, 23 anos, motorista de ônibus e sindicalizado há seis anos, diz que o jornal *Linha Direta* deve ser reformatado. “O jornal tem que melhorar o visual e a linguagem também. A gente se embaraça todo lendo essas matérias porque fica tudo uma perto da outra. Às vezes a gente até se confunde. Nesse jornal aí mesmo, eu pensei que a notícia que estava chamando pra greve fosse em baixo, mas não é não, né? Sei lá, o pessoal vê uma coisa dessa e vai querer é jogar no lixo. Esse jornal aí tem que ser igual mulher pra casar: tem que dizer as coisas que a gente quer e ainda ser bonita, senão não dá!”⁷, conclui Alexandre com grande dose de humor.

⁷ SOARES, Alexandre Araújo. *op.cit.*

CONCLUSÃO

Concluiu-se com essa pesquisa que, baseando-se na fundamentação teórica estudada, o jornal sindical impresso é um dos meios de comunicação mais eficazes quando o objetivo é motivar a categoria a se mobilizar para garantir direitos e conquistar benefícios.

Portanto, a avaliação feita pela autora foi a de que o jornal do Sindicato dos Trabalhadores em Transporte Terrestre do Distrito Federal (Sitttrater-DF), ou Sindicato dos Rodoviários, *Linha Direta*, utilizado como material de análise desta pesquisa, não se comunica, de fato, com a categoria, não atingindo assim o objetivo de motivar a mobilização dos trabalhadores para a garantia de direitos e conquista de benefícios. Isso ocorre porque o *Linha Direta* publica em maioria notícias que não interessam ao leitor; siglas e símbolos incompreensíveis para a categoria; e *layout* que não agrada os rodoviários. A contextualização do *Linha Direta* com os referenciais teóricos e, principalmente, a entrevista qualitativa realizada com alguns sindicalizados dão base a tal afirmação.

Concluiu-se também que o jornalismo sindical é uma linguagem especializada e que, portanto, exige total conhecimento do público com o qual se trabalha para que seja atingido o objetivo de se comunicar e motivar a categoria a se mobilizar pelas causas da classe trabalhadora.

Ainda é pequena a quantidade de referenciais teóricos que abordam o assunto, o que dá vazão à várias interpretações e conflitos. Portanto, tal pesquisa tem objetivo de despertar o interesse dos profissionais em jornalismo para esse pequeno Golias que está diariamente ao lado do gigante chamado mídia comum. A pesquisa ainda tem objetivo de orientar os jornalistas que trabalham e/ou se interessam pelo jornalismo dedicado às categorias de trabalhadores específicos, no intuito de fazer com que a estória de Golias e o gigante se repita.

Para a autora esse é o início de um tema que será e deverá ser aprofundado em futuras teses acadêmicas.

REFERENCIAL

ANTUNES, Ricardo Luiz Coltro. **O que é sindicalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CÉLIO, Gean. Entrevista cedida a autora no dia 8 de maio de 2006, Brasília – DF. (Entrevista disponível, na íntegra, somente em áudio)

FERREIRA, Gaspar. Entrevista cedida a autora no dia 8 de maio de 2006, Brasília –DF. (Entrevista disponível, na íntegra, somente em áudio)

FERREIRA, Maria Nazareth. **A imprensa operária no Brasil. Série Princípios**. São Paulo: Ática, 1988.

GIANNOTTI, Vito. **Muralhas da linguagem**. 1º ed Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

GIANNOTTI, Vito. **O que é jornalismo sindical**. Coleção primeiros passos. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

GIANNOTTI, Vito e SANTIAGO, Cláudia. **Comunicação sindical – a arte de falar para milhões**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GIANNOTTI, Vito, SANTIAGO, Cláudia e DOMINGUES, Sérgio. **Manual de linguagem sindical**. Edições NPC. Rio de Janeiro: NPC, 2000.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **Que fazer?**. Coleção dirigida por Florestan Fernandes. São Paulo: Hucitec, 1988.

MENDES, Álvaro. **Breve história da imprensa sindical no Brasil**. Cadernos da Comunicação. Série estudos – 14. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2005.

SILVA, Jorge Sinval. Entrevista cedida a autora no dia 8 de maio de 2006, Brasília –DF. (Entrevista disponível, na íntegra, somente em áudio)

SOARES, Alexandre Araújo. Entrevista cedida a autora no dia 8 de maio de 2006, Brasília –DF. (Entrevista disponível, na íntegra, somente em áudio)